

Ecoss do teatro: a potencialidade do contágio teatral na educação de alunos com autismo

Lucas Wendel Silva Santos
Rosana Carla do Nascimento Givigi
Louise Carvalho da Conceição

Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Resumo

No contágio teatral, a dinâmica entre os participantes evidencia influências mútuas que se manifestam através da presença corporal e psíquica, que pode transformar percepções, reajustar processos de estesia e incentivar afecções artísticas entre pessoas de diferentes perfis. Este estudo busca potencializar as interações entre dois meninos com autismo através de práticas teatrais. A investigação seguiu uma abordagem de pesquisa-ação, com enfoque colaborativo e crítico centrado na pedagogia teatral, com 27 encontros presenciais durante 10 meses. A condução das atividades envolveu técnicas de contação de histórias, teatro com bonecos e recursos da Tecnologia Assistiva, especificamente a Comunicação Alternativa e Ampliada. Os frutos dessa intervenção evidenciaram que o envolvimento com o teatro contribuiu para o aprimoramento de habilidades relacionadas à atenção, trocas intersubjetivas e socialização. A prática artística proporcionou aos participantes da pesquisa a oportunidade de estabelecer interações significativas, destacando a teatralidade como um meio potencializador da subjetivação e das trocas sensíveis.

Palavras-chave: teatralidade; contágio teatral; autismo; comunicação alternativa; pesquisa-ação colaborativo-crítica; teatro.

1 Introdução

Historicamente, a invisibilização, o silenciamento e a normatização são direcionados àqueles que desviam dos padrões estabelecidos, que são considerados diferentes ou que não se enquadram na normalidade. Isso levou o poder disciplinar da psiquiatria a estabelecer processos que visavam definir e controlar pessoas consideradas loucas ou anormais (Prozorov, 2021). Em todo o mundo eram recorrentes as práticas coercitivas e agressivas direcionadas às pessoas em situação de institucionalização manicomial. Não raro as pessoas com transtornos mentais eram alvo de controle social por meio de medidas de segurança. Assim, àqueles que desviavam dos padrões de normalidade e humanidade eram categorizadas como: insanos, perigosos, não humanas e irracionais. Isso levou a uma longa história de exclusão de enclausu-

ramento de pessoas denominadas como inimputáveis perigosas (Fernandes, 2024). A realidade brasileira não era tão diferente. Em meio a retrocessos políticos advindos do regime ditatorial, já estavam em vigor mecanismos que colocavam pessoas com deficiência mental em situação de exclusão. Esses abusos são identificados ao analisarmos os acontecimentos ocorridos em um hospital psiquiátrico, que foi fundado em 1903 e fechado em 1980, na cidade de Barbacena, estado de Minas Gerais. Ao longo de quase oito décadas houve um verdadeiro genocídio, que marca a historicidade do Brasil, pois resultou na morte de aproximadamente 60.000 (sessenta mil) pessoas através da brutalidade travestida de cuidado. Foram tantas as mortes orquestradas e institucionalizadas, que tiveram que construir um cemitério ao lado do manicômio (Filho, 2019).

No mesmo estabelecimento de saúde conviviam indivíduos de diferentes origens. Idosos, adultos e menores de idade viviam em locais permeados pelo aroma de fluidos corporais e lixo, corporeidades em estado de extrema deterioração, moral e fisicamente. Posicionados e repousando sob o calor do dia, claramente imundos e maltrapilhos, emitiam clamores intensos e sons estridentes que reverberavam em cada ambiente daquele hospital, formando uma cena que lembrava um conflito bélico, uma imagem aterradora (Arbex, 2013).

Nesse contexto, é fundamental refletir sobre como as corporeidades dissidentes, ou seja, pessoas com deficiência, são percebidas, representadas e contribuem para provocar mudanças significativas na apreciação sensorial e na interpretação esteticamente representada, especialmente na teatralidade. Corriqueiramente, corpos que fogem da normalidade são considerados grotescos, estranhos e repugnantes. Desta maneira, o modo de funcionamento não convencional é ignorado, reprimido e invisibilizado em sua expressividade artística (Bianchi, 2021). Sob a ótica do contágio teatral, o que é desagradável, desfigurado, insano, raro, grotesco, repulsivo e disfuncional é enaltecido e almejado. Assim, na abordagem teatral centrada no desejo pelas diferenças e singularidades, as fisicalidades e comportamentos em desvio interagem subjetivamente com outros sujeitos e com o ambiente, gerando tensionamentos e trocas intersubjetivas, que alteram os padrões de percepção e compreensão do mundo, da arte e das humanidades. O contágio teatral provocado por corpos fora da norma estabelece modos outros de ser, estar e conhecer a vida, criando epistemologias dissidentes. Através da diferença, como dispositivo de questionamento da normatividade, é que outras formas de existir (na vida e na arte) podem potencializar encontros entre pessoas com deficiência (Tonezzi, 2011).

Portanto, corporeidades e psiquismos desviantes estabelecem outros caminhos e encruzilhadas para a criação teatral, oferecendo uma nova forma de enxergar o universo da arte, promovendo variadas formas de interagir com corporeidades que transitam nos mesmos espaços (Alencar; Lewinsohn, 2023). Assim, o teatro se apresenta enquanto um dispositivo de transgressão e liberdade, demonstrando seu potencial para transformar e corroer os padrões hierarquicamente estabelecidos, mas sobretudo para permitir que sujeitos com

corpos diferenciados sejam percebidos como potentes e criadores de novas estéticas teatrais (Oliveira, 2019).

As inovações teatrais concebidas pelo teatrólogo Pippo Delbono são exemplos de como a deficiência pode ser uma forma de elaborar outros modos de fazer teatro. A história de Delbono ganhou outros contornos ao descobrir o diagnóstico de HIV. Assim, ao ser diagnosticado, o artista passou a perceber modificações em seu corpo, a cada dia mais fragilizado, debilitado e diferente. Essa nova configuração de seu ser fez o diretor teatral questionar a forma como até então vinha fazendo seus espetáculos. Foi diante desses dilemas que Delbono passou a frequentar manicômios em busca de inspiração. O artista percebeu as pessoas com deficiência como sujeitos catalizadores de uma estética corporal singular, iniciando assim uma busca por interações com essas corporeidades, que são convidadas a se agregarem ao seu trabalho como colaboradoras artísticas. Nesse mesmo período, conheceu Vincenzo Cannavacciuolo (chamado carinhosamente de Bobo), um idoso com microcefalia, analfabeto e surdo-mudo, que realizou uma verdadeira transformação em sua estética teatral. A maneira como Bobo se comunicava, emitindo vocalizações e se movimentando no palco, chamava a atenção do público. O homem saído de um manicômio estava fundando uma verdadeira revolução na arte de um dos grandes diretores do teatro ocidental (Tonezzi, 2011).

Similarmente, um adolescente com autismo, chamado Christopher Knowles, influenciou a maneira como Robert Wilson, criador do Teatro Imagem, desenvolveu seu trabalho dramático e visual. Por volta da década de 1970, o diretor norte-americano ganhou de um de seus professores registros sonoros contendo experimentações com a voz de Knowles. Na fita, o garoto brincava com as palavras e construía polifonias vocais, e aquilo aproximava-se de uma peça teatral falada. Os jogos de mudanças da estrutura das palavras proferidas por Knowles formavam uma singular elaboração da linguagem. O jovem manipulava as palavras e construía formas e imagens com uma habilidade fora do comum, uma dramaturgia imagética e particular. Aquele menino com autismo gesticulava e movia-se descoordenadamente, sua fala aparentava ser desconexa e seus comportamentos eram fora da curva. Para mais, ele enfrentava dilemas interacionais e sofria de uma deficiência cerebral, pois foi infectado ainda bebê pelo protozoário *Toxoplasma Gondii*, responsável pela toxoplasmose. No entanto, Christopher demonstrava uma notável criatividade para elaborar as palavras, modificando-as e criando um modo único de jogar com a morfossintaxe e trabalhá-la dramaturgicamente (Pinheiro, 2021).

Tanto as interações entre Delbono e Bobo como os trabalhos colaborativos entre Christopher e Bob Wilson representam inovações artísticas, inspiradas na colaboração com as pessoas marcadas pelas diferenças físicas e comportamentais, para elaborar encontros que desconfiguram as formas estabelecidas de fazer teatro, permitindo uma compreensão do

mundo por perspectivas alternativas e intervenções idiossincráticas. Através das relações estabelecidas por sujeitos diferentes que se colocam diante da cena teatral, que interagem e realizam intercâmbios artísticos, surge a ideia de contágio teatral. Uma espécie de infecção estética que invade o universo cênico e muda a expectativa da experiência e do fazer teatro (Tonezzi, 2011).

Spinoza elucida o conceito de afecções como a recepção das reverberações do ambiente em nosso corpo, que é afetado por objetos, cenários, ambientes e outras corporeidades. Conforme outros corpos inter cruzam nossas experiências de vida, afetando nossa subjetividade, passamos por mudanças, ajustes e transformações. Isso quer dizer que somos afetados pela presença do alheio, com essas afecções podendo ser potencializadoras ou refreadoras. O primeiro caso nos permite conduzir nossas ações e interações interpessoais de modo a desejar a felicidade, além de elevar nosso poder de elaborar as experiências socialmente construídas. No segundo caso, somos impulsionados à perda de nossa potencialidade de vida e desejo por construir experiências que nos levem à liberdade, assim, tudo nos conduz para a infelicidade. Ao optar por estabelecer encontros potencializadores e que nos impulsionem para agir ao nosso favor, ou no instante em que outras corporeidades cruzam nossas subjetividades de maneira positiva, nos aproximamos de encontros propositivos que nos levam ao autoconhecimento, onde podemos, assim, abrir caminhos para superar as opressões impostas, o silenciamento e a invisibilização. Nesse sentido, estamos trilhando caminhos para alcançar a liberdade. Essas reverberações provocadas pelas afecções potencializadoras são chamadas por Spinoza de “bom-encontro”. Ao tratar sobre esse conceito, o filósofo se refere ao processo pelo qual potencializamos a faculdade de nos conectar conosco e com os outros simultaneamente, aumentando a capacidade de interferir, mediante afecções, em outros corpos e viabilizar que essas corporeidades nos afetem de modo a potencializar nossas relações sociais (Leal, 2022).

Por via das afecções e das ideias vinculadas a essas que a humanidade passa a se conhecer, quanto mais se é afetado por outros corpos/existências, mais possibilidades se tem de autoconhecimento. Ou seja, nos constituímos cultural e socialmente ao nos permitirmos experimentar vivências de trocas afetuosas (Marin, 2024). Assim, na ocasião em que a psiquê de um sujeito está em condição de refletir sobre si mesma, ela alcança um estado de maior perfeição, ou seja, é afetada por uma sensação de alegria. Essa alegria será mais intensa na medida em que a mente for capaz de conceber de forma mais clara sua própria identidade e sua capacidade de ação (Leal, 2022).

A capacidade de ação é acionada por diversos dispositivos, dentre esses a música que, como outras elaborações artísticas, pode ampliar nosso potencial de ação, estabelecendo interseções e incrementando a capacidade de potencializar e prospectar outros agires culturalmente proporcionados por intermédio dos intercâmbios com o conhecimento (Deleuze,

2019). O estudioso europeu argumenta que, ao ouvirmos uma composição que nos cativa, a capacidade de nossa ação é momentaneamente ampliada e dilatada. Quando ouvimos uma composição que apreciamos, o corpo e a alma, como é evidente, interagem poeticamente com os sons que apreciamos e nos provocam um estado de estesia. A musicalidade que amamos representa nossa aptidão para a ação que é ampliada. No momento em que os contatos se combinam, os dois elementos envolvidos nessa conexão (nós e a canção apreciada) elaboram um ente com certa superioridade, outro elemento que compõe nossa subjetividade passa a existir de maneira integrada com coisas ao nosso redor. Dito de outra forma, no âmbito da melodia que apreciamos, ocorre como se as relações fossem compostas de forma que criam um terceiro ser, do qual tanto o sujeito quanto a música são apenas partes. Assim, podemos afirmar que a capacidade de ação está se expandindo ou aumentando (Deleuze, 2019).

Os exemplos de Knowles e Wilson e Delbono e Bobo são evidências de que as afecções potencializadoras promovidas por corpos diferenciados em um contexto do contágio teatral são capazes de conceber novas abordagens dramáticas e estéticas que se caracterizam como bons-encontros, mas que sobretudo desestabilizam os modelos clássicos de fazer teatro. No entanto, como o conceito de contágio teatral é capaz de potencializar trocas intersubjetivas entre dois meninos com autismo? Estudos alocados no âmbito das artes cênicas revelam que indivíduos com autismo enfrentam desafios para se relacionar socialmente, dificuldades provocadoras de comportamentos repetitivos, questões de linguagem e limitações quanto ao estabelecimento de convivialidades profícuas. Essas pesquisas indicam as artes cênicas como dispositivos que podem desenvolver um aumento significativo na capacidade de engajar-se nos contextos sociais e se comunicar, demonstrando que o teatro atua de modo a evidenciar as potencialidades dos alunos com autismo. Uma aliada dessa forma de expressão da arte é a Comunicação Alternativa e Ampliada (CAA) que, além de tirar esses sujeitos do silêncio, dando-lhes o poder da fala, também é uma importante ferramenta de inclusão (Santos; Camargo; Givigi, 2023).

A CAA utiliza-se de movimentos corporais, gestos, símbolos, pictogramas, rastreadores oculares, vozes computadorizadas e outros elementos facilitadores das interações das pessoas com demandas avançadas no campo da comunicação, mitigando suas dificuldades de linguagem e possibilitando que esses sujeitos se expressem. Os recursos supracitados podem complementar ou substituir a capacidade comunicativa de jovens com autismo. Investigações centradas no uso da CAA como recurso comunicativo para esses indivíduos evidenciam que é possível, através de tais ferramentas, proporcionar maiores frequências de interações sociais, melhorias nas habilidades de comunicação, além de mudanças significativas na expressão e comportamento (Nunes; Barbosa; Nunes, 2021; Pereira *et al.*, 2020).

Dessa maneira, a investigação em questão visa relacionar autismo, CAA e teatro, buscando potencializar as interações entre dois meninos com autismo através de práticas teatrais. Com base no conceito de contágio teatral, que consiste em ser atravessado por afecções provocadas pela vivência com o outro, entendemos a educação teatral como um dispositivo capaz de engendrar encontros que levem sujeitos invisibilizados historicamente a promoverem encontros potencializadores de suas singularidades. Nesse contexto, as experiências proporcionadas pela arte teatral são, em essência, interações entre seres humanos em que corporeidades edificam encruzilhadas capazes de promover entrelaçamentos potencializadores de bons-encontros.

1.1 CENÁRIOS EM CENA: EXPLORANDO E ENCENANDO O ESPAÇO TEATRAL

Compreendendo a importância das dinâmicas do campo na investigação, este estudo adota uma abordagem qualitativa que utiliza métodos descritivos e analíticos para explorar como a expressão dramática pode promover o desenvolvimento de indivíduos com autismo. A análise dos dados é realizada com uma perspectiva flexível, reconhecendo que fatores contextuais podem influenciar a pesquisa (Costa; Diniz; Viana, 2022).

Este estudo empírico faz uso da pesquisa-ação colaborativo-crítica, que enfatiza não apenas a observação dos dados, mas também a análise das interações e contribuições dos participantes dentro do ambiente investigativo (Pimenta, 2005).

Este tipo de pesquisa inicia por volta de 1940, com Kurt Lewin, e inicialmente é defendida como um método que busca a transformação social, resolvendo problemas práticos e organizacionais. Depois dos anos 1980, com Stephen Kemmis e Robin McTaggart, a pesquisa-ação assume também um caráter de pesquisa colaborativa (Jaconi; França; Almeida, 2023).

Com o passar dos anos, outros autores, como Habermas e Paulo Freire, influenciaram epistemologicamente a pesquisa-ação, trazendo em cena questões como a desigualdade e o poder, bem como os processos de emancipação dos participantes. Na abordagem metodológica da pesquisa-ação colaborativo-crítica é possível aprofundar a compreensão de questões específicas, tomando o diálogo como dispositivo essencial (Hernandez-Piloto; Almeida, 2025). Nesse sentido, a pesquisa-ação utiliza a escuta sensível para conhecer o campo pesquisado e os participantes, e o pesquisador deve estar comprometido ética e politicamente com a práxis (Barbier, 2002).

Dessa forma, a base epistemológica e metodológica dessa pesquisa será sustentada nas práticas colaborativas entre pesquisador e participantes, e na possibilidade de apontar caminhos a partir da crítica-emancipatória das relações estabelecidas entre dois meninos com autismo, pesquisador, práticas teatrais e comunicação alternativa (Carr; Kemmis, 1988).

Todo o processo é caracterizado por uma abordagem autorreflexiva em espiral. Em contraste com as abordagens positivistas, não existe uma divisão estrita entre o participante e o objeto de investigação, ou entre o investigador e o objeto de estudo. Em vez disso, observa-se uma interconexão entre os diferentes participantes do estudo. Dessa forma, acontecimentos, princípios, narrativas, identidades, vivências e modos de pensar são avaliados e interpretados como componentes essenciais do percurso investigativo (Reis; Alvim, 2021).

Nesse sentido, a presente investigação contou com encontros em que o pesquisador observou o campo e os participantes, a fim de identificar questões que pudessem ser trabalhadas através do teatro em processos colaborativos. Assim, nos primeiros momentos, foram realizadas brincadeiras de faz de conta, como cozinhar, consertar brinquedos em uma minioficina e criar narrativas com objetos. Isso aconteceu porque os dois meninos já realizavam brincadeiras com frequência. Vale dizer que esta atividade também ganhou relevância pois entendemos que possui grande potencial para levar as pessoas com autismo ao desenvolvimento de habilidades sociais, comunicativas e capacidades cognitivas, que podem ter efeitos tanto para a vida adulta quanto para a própria infância (Fiaes; Bichara, 2009).

Para mais, notamos que, em muitos momentos, os garotos realizavam pequenas improvisações dramáticas espontâneas com os brinquedos à disposição. Assim, decidimos estruturar encontros em que o jogo do improviso pudesse ser experimentado. Evidências mostram que a dramatização espontânea e o improviso teatral, no contexto do psicodrama com pessoas com autismo, podem contribuir para a superação de obstáculos e avanços no desenvolvimento emocional. O improviso pode favorecer a adaptação para papéis sociais, onde a pessoa com autismo passa a reconhecer, imitar e interpretar o mundo à sua volta por meio da fantasia teatral, descobrindo seus próprios limites e potencialidades (Costa; Diniz; Viana, 2022).

Além disso, a contação de história com livros ilustrados, impressos, e posterior reconto com CAA foi explorada. É importante afirmar que o acesso à literatura se constitui como direito humano (Silva; Peruzzo, 2019), podendo potencializar habilidades interacionais e contribuir para o desenvolvimento linguístico de pessoas com autismo. Ao entrar em contato com esta atividade, a pessoa passa a aumentar significativamente a atenção, nomear o universo ao seu redor, aumentar o repertório de palavras do seu idioma e recontar as histórias ouvidas. Além disso, pessoas com autismo que têm acesso à literatura mostram maiores tendências a serem confiantes para se comunicar, realizar perguntas, apresentar senso crítico, expressar suas opiniões, desenvolver a imaginação, criatividade e passar a interagir com mais facilidade em contextos sociais (Sambak; Seniwati; Harisa, 2021).

Por fim, introduzimos o Teatro de Animação, ou teatro de bonecos. Essa técnica teatral foi utilizada pois um dos meninos gostava de realizar dramatizações com seus ursos de

pelúcia. Assim, encontramos nos objetos inanimados um caminho para experimentar processos criativos no contexto do teatro para pessoas com autismo. Pesquisas apontam que o Teatro de Animação pode contribuir com o desenvolvimento da comunicação e expressão dessas pessoas, promovendo a inclusão e interação social, estimulando o potencial criativo e artístico, podendo ser uma potente abordagem educacional, impulsionando a ludicidade, espontaneidade e engajamento em situações sociais (Santos; Camargo; Givigi, 2023).

O trabalho faz parte de um projeto do Grupo de Estudos e Pesquisa em Linguagem e Comunicação Alternativa (GEPELC), que realiza os atendimentos de crianças, adolescentes e jovens com autismo na Universidade Federal de Sergipe. Os participantes deste estudo são dois estudantes de 12 anos com autismo, chamadas ficticiamente de Victor e Gaye (V. e G.), para preservar suas identidades.

Ambos estão matriculados em escolas do ensino público do estado de Sergipe e possuem necessidades complexas de comunicação. Desde os quatro anos são atendidos em encontros multidisciplinares grupais e utilizam um sistema de baixa tecnologia para interagir com seus pares por meio do método de Comunicação Alternativa e Ampliada (CAA). Ambos os jovens participantes estão no 4º ano do ensino fundamental em escolas públicas.

Gaye, um jovem de pele clara, reside com seus pais e irmão. Diagnosticado com autismo aos três anos, ele participou de atividades teatrais onde foram observados comportamentos estereotípicos, como morder a própria mão em estados de agitação ou descontentamento. Em comunicação, Gaye se expressa de maneira deliberada, solicitando brinquedos e itens na sala de terapia. Ele utiliza predominantemente a CAA ou gestos, como apontar, para se comunicar. Gaye também costuma mover as mãos em pequenas dramatizações e manter o foco nesses movimentos por longos períodos. Embora não demonstre interação intencional com Vitor, ele aprecia brincar com brinquedos de pelúcia, usando-os para criar pequenas dramatizações individuais. Ao contrário de Vitor, que se incomoda com o toque em seu corpo, Gaye não apresenta esse comportamento.

Vitor, que reside com a mãe e a irmã, é um menino negro, diagnosticado com autismo aos três anos. Iniciou as intervenções teatrais no mesmo período que Gaye, apresentando estereotípias, como bater com a mão no queixo e no nariz durante momentos de agitação, além de algumas ecolalias. Apesar de não manifestar comportamentos intencionais de brincar ou interagir com Gaye, Vitor demonstra conforto com o pesquisador, a terapeuta e a professora, sorrindo para eles e aceitando ser abraçado. Ele gosta de observar seu reflexo no espelho enquanto dança, também ouve música e assiste a vídeos de animação no celular enquanto espera pelos atendimentos. Vitor é capaz de ler, escrever e utiliza tanto comunicação verbal quanto gestual.

O corpus dessa pesquisa se constituiu por 27 encontros teatrais com os dois alunos acima apresentados. Os encontros foram realizados em grupo, com o objetivo de alinhar as atividades à

proposta da investigação. A diversidade entre os participantes enriquece e fortalece o grupo, permitindo a troca de experiências linguísticas e comunicativas. Esses encontros facilitam o compartilhamento de vivências, conhecimentos e interações, absorvendo as características únicas de cada membro e contribuindo para o enriquecimento coletivo (Givigi; Camargo; Silva, 2023). Seguindo a perspectiva metodológica, os mediadores e os dois meninos com autismo participaram das propostas teatrais. Os dois meninos eram muito assíduos, pouquíssimas vezes faltavam, e, quando isso acontecia, o encontro era com os mediadores e um dos meninos.

A integração da CAA foi crucial para atender às necessidades de comunicação dos participantes. No contexto da educação teatral, a CAA visa principalmente promover a emancipação comunicativa e expressiva de indivíduos com necessidades comunicativas complexas. Sem o uso dessa tecnologia assistiva, a pesquisa poderia ter sofrido desvios, resultando em interações menos eficazes entre os envolvidos. Portanto, as necessidades dos participantes foram identificadas e atendidas adequadamente, promovendo maior autonomia e facilitando processos inclusivos.

É importante destacar que a CAA pode incluir tanto recursos de baixa tecnologia, como quadros de comunicação e pictogramas, quanto recursos de alta tecnologia, como dispositivos de voz artificial e *softwares* especializados. Para este estudo, optou-se por utilizar recursos de baixa tecnologia, adequando-se às especificidades da pesquisa.

As atividades de intervenção teatral foram realizadas semanalmente, com duração aproximada de 1 hora e 30 minutos cada. No total, foram conduzidos 27 encontros de intervenção, divididos em dois eixos: “Iniciação teatral: primeiros passos no mundo do teatro” e “Construindo pontes: interações teatrais entre os alunos”. O plano sistemático das atividades incluiu contação de histórias com livros infantis, apresentações teatrais lideradas pelo pesquisador, terapeuta, professora e/ou pelos sujeitos da pesquisa, e a criação de dramaturgias usando comunicação alternativa.

Os responsáveis pelos meninos com autismo assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), garantindo a conformidade ética da pesquisa e o uso apropriado das informações e imagens. Além disso, o estudo foi formalmente aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), como indicado pelo Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE: 26715114.4.0000.5546).

2 Iniciação teatral: primeiros passos no mundo do teatro

Identificar as diferenças corporais, características individuais e peculiaridades nos corpos de V. e G. foi fundamental para o progresso da atividade. Cada movimento, ação e comportamento estereotípico observado forneceu informações valiosas que contribuíram para o avanço do trabalho teatral. Nos primeiros encontros, a análise inicial revelou que os pequenos corpos já estavam repletos de significados e modos de ser, agir, estar e desejar no

mundo. Em outras palavras, os meninos, através de suas expressões corporais, orientaram a escolha da técnica teatral a ser utilizada. Assim, focar na observação para determinar quais abordagens teatrais eram mais apropriadas foi essencial.

O aluno ingressa no ambiente escolar com uma bagagem de conhecimento de vida, influências familiares e sociais, que devem ser consideradas para enriquecer o processo de ensino-aprendizagem. Um dos papéis do educador é orientar o processo pedagógico em Teatro para promover a integração social do aluno, ampliar sua visão de mundo, desafiar preconceitos e estimular o desenvolvimento criativo e crítico (Santos; Camargo; Givigi, 2023). Ao chegar à escola, o aluno traz consigo esse histórico de vivências, que influencia e enriquece sua jornada educacional.

À medida que introduzimos sugestões e técnicas a serem exploradas com os meninos participantes da pesquisa, os ambientes de aprendizagem foram se configurando. Iniciamos com brincadeiras de faz de conta e improvisações, depois passamos para histórias com livros e CAA, e, finalmente, introduzimos o Teatro de Animação. Durante o estudo, implementamos diversas abordagens, cada uma oferecendo processos distintos. O elemento imprevisível afetou os encontros entre os meninos, os educadores e a fonoaudióloga, e as ações dos meninos influenciaram diretamente nosso planejamento. Compreendemos que é sempre possível partir das habilidades existentes nos alunos e observar como elas se combinam para possibilitar a realização (Laplane, 2018).

Durante as atividades teatrais, as mudanças observadas demandavam ajustes contínuos na abordagem dos facilitadores. Por exemplo, G. demonstrou um desejo imediato de manipular os bonecos assim que os viu, enquanto V., ao se assustar com os personagens, levantava-se e tentava deixar a sala. Os contágios teatrais se desenrolaram de maneira interativa e não sequencial, com constantes influências mútuas entre os meninos e os facilitadores dentro do ambiente da sala de aula.

Dado que nenhum dos participantes tinha experiência anterior com teatro, criar oportunidades para apreciação cênica era essencial. Nos encontros iniciais, marcados por brincadeiras de faz de conta e improvisações com os brinquedos disponíveis, notamos que os alunos interagem de forma positiva com o professor-artista-pesquisador, mas mostravam certa resistência ao interagir entre si. Para superar essa resistência, introduzimos novos recursos, como jogos colaborativos que exigiam a interação entre os dois participantes; momentos em que o pesquisador realizava mediações com mais frequência, com o intuito de aproximar as crianças; e partilha de objetos e brinquedos para que ambos pudessem exercitar o contato corpo a corpo. Além disso, buscamos, através das atividades teatrais, facilitar a assimilação de conceitos e habilidades básicas do teatro.

Com o tempo, V. e G. passaram a compreender melhor a dinâmica da apreciação cênica e se familiarizar com as técnicas teatrais. Como resultado, ambos se mostraram mais atentos

às histórias e demonstraram entusiasmo crescente durante as apresentações. Durante essas apresentações, os participantes começaram a adotar comportamentos imprevisíveis, imitando o professor-artista-pesquisador com gestos e expressões corporais.

As dramatizações incluíram histórias infantis conhecidas pelos alunos. A adoção de materiais táteis, como bonecos de vara, dedoches, imagens impressas e fantoches foi fundamental para manter o engajamento dos meninos nas encenações. Enquanto observavam, elas assimilavam elementos fundamentais do teatro, tais como tempo, espaço, ação e personagens. Em certos momentos, foi necessário orientá-las sobre a importância de se manter como espectador, pois demonstravam vontade de tocar os objetos usados nas apresentações. O carinho e o afeto foram cruciais, os meninos reagiam positivamente a gestos afetuosos e palavras carinhosas. Assim, a mediação se tornou uma parte essencial da pesquisa. O professor-artista-pesquisador, a educadora e a fonoaudióloga utilizaram interações dialogais para ajudar os alunos a compreenderem a necessidade de esperar o momento certo para a apresentação teatral (Biancalana, 2018). As histórias trabalhadas foram: *João e o Pé de Feijão*, *Os Três Porquinhos*, *A Festa no Céu*, *Chapeuzinho Vermelho* e *O Rato do Campo e o Rato da Cidade*.

Para garantir que os alunos não perdessem detalhes importantes das histórias, foi necessário explicar conceitos como o local cênico, orientando-as com instruções como “mantenham-se sentados aqui, os bonecos estão ali”, e a função de plateia, como em “agora é hora de assistir a peça”. Enquanto o professor-artista-pesquisador e/ou a fonoaudióloga conduziam as dramatizações, a professora desempenhava um papel crucial ao manter a atenção dos alunos e orientá-los através da sequência dos eventos teatrais. A realização e a apreciação das encenações foram possíveis graças à mediação contínua.

Durante um dos encontros, apresentamos a peça *O Rato do Campo e o Rato da Cidade*. V., que no início tentou manipular os bonecos de vara, foi gentilmente orientado a permanecer no tatame como espectador. Embora não compreendesse totalmente o enredo inicialmente, V. demonstrou notável concentração durante toda a encenação. Com o tempo, ele começou a compreender as diferenças entre os personagens e os cenários, percebendo as características distintas dos ratos do campo e da cidade. V. mostrou entendimento das noções de figurino, cenário e mudanças de cena, assistindo aos bonecos com a mesma curiosidade com que alguém assiste a um filme. Esse momento sugeriu que, em futuros encontros, poderíamos permitir que V. participasse ativamente na manipulação dos elementos cênicos.

O domínio estético da linguagem teatral foi adquirido através da observação das encenações. À medida que compreendiam as diferenças entre atores e personagens, bem como as posições e funções das animações em cena, estabeleceu-se um processo eficaz de ensino-aprendizagem. Os meninos aprenderam a manipular figuras animadas, entender nuances vocais, expressões faciais e corporais, e interpretar personagens. Os encontros

teatrais foram cruciais para o desenvolvimento de habilidades linguísticas essenciais para a compreensão da arte teatral.

Em peças como *Chapeuzinho Vermelho*, V. e G. aguardavam ansiosos pelo momento em que o Lobo Mau aparecia e ameaçava a protagonista. Eles se divertiam ao ver o lobo em cena; V., por vezes, corria assustado, mas ao ser chamado, sorria ao reconhecer que tudo não passava de uma representação. A curiosidade dos alunos era evidente, e os bonecos exerciam um magnetismo notável. G. e V. começaram a responder com gestos e movimentos às entradas dos bonecos ou às mudanças vocais vindas das cortinas. Durante as apresentações, observamos que os alunos reagiam às expressões dos personagens com interesse e entusiasmo, frequentemente sorrindo e inclinando-se como se quisessem participar.

Os corpos dos meninos vivenciavam um processo de emancipação através da experiência teatral. À medida que imergiam no processo, observou-se um aumento na liberdade corporal, iniciativa e desejo de se integrar à história. O engajamento e a disposição necessários para o envolvimento com a cena teatral foram evidentes à medida que se aprofundavam na experiência.

Após cada apresentação, os participantes foram incentivados a criar suas próprias versões das histórias assistidas. Esse incentivo permitiu que G. e V. assumissem papéis ativos como atores e manipuladores dos bonecos. Utilizando a CAA, os alunos puderam expressar suas compreensões sobre cada peça, suas interpretações dos jogos e suas percepções das narrativas dos livros infantis. Esses momentos de reconto foram identificados como processos formativos importantes e, ao longo de três a quatro semanas, G. e V. trabalharam no desenvolvimento de dramaturgias pictográficas.

2.1 CONSTRUINDO PONTES: INTERAÇÕES TEATRAIS ENTRE OS ALUNOS

Identificamos o teatro como um dispositivo potencial para superar a resistência dos alunos em perceber e interagir com seus colegas na sala de aula. Essa forma de expressão artística promove processos de socialização, humanização e trocas simbólicas, criando um ambiente onde encontros positivos e a convivência são incentivados. O teatro facilita o encontro com o outro, oferecendo um espaço onde a interação direta e o contato físico são centrais (Romagnolli; Muniz, 2014). Assim, através do convívio teatral, estabelece-se um ambiente propício para essas relações.

A interação com outros corpos é essencial para o desenvolvimento humano e, ao mesmo tempo, pode ser complexa, causando sofrimento e angústia. No entanto, esses aspectos são constitutivos da psiquê humana e fazem parte dos processos sociais. Embora uma criança possa inicialmente parecer indiferente em um ambiente social, o contexto em

que está inserida promove gradualmente mudanças internas e transformações. Assim, a criança também influencia o meio ao seu redor.

O conceito de que o ser humano se forma no meio social (Vigotski, 2002) é particularmente relevante para crianças com autismo, que frequentemente enfrentam exclusão e invisibilidade social. Para a formação de nossa identidade como indivíduos, é essencial a inserção no meio social, pois a individualidade surge do contato com a coletividade. A ausência do grupo impede o desenvolvimento pleno da criança, e o grupo é crucial para o desenvolvimento do ser humano como ser social. O desenvolvimento humano é intrinsecamente ligado à interação com outros indivíduos e com o grupo social. Sem essa relação, o crescimento pode permanecer em um estágio rudimentar. Através da interação com outros, aprendemos a lidar com conflitos, afetos e sensibilidades, questões que emergem da convivência social.

O brincar é fundamental para a formação da noção de grupalidade, pois estimula ações que promovem a interação e a construção do grupo (Pelbart, 2022). Observou-se que as interações entre o individual e o coletivo geram a tensão necessária para a formação do grupo, englobando espontaneidades, desejos, sentimentos e subjetividades. Assim, a interação vai além das atividades de trabalho e é essencial para o desenvolvimento grupal.

Quando V. estava ausente, devido a doenças ou consultas médicas, G. sentiu a falta do colega. Utilizando a CAA, G. expressava sua conexão com V., o que destacou a importância das sutilezas nas relações interpessoais. Os mediadores precisaram estar atentos a essas nuances para garantir encontros significativos.

O desenvolvimento da criança ocorre por meio do contato com os outros, compartilhando experiências e lidando com ausências, que é uma necessidade humana essencial. Para crianças com autismo, as relações sociais são não apenas necessárias, mas fundamentais para seu desenvolvimento (Givigi, Camargo; Silva, 2023). A conexão dos corpos só se estabelece quando há um desejo implícito de interação e afeto (Deleuze, 2019). O teatro se revelou um meio eficaz para concretizar essas trocas entre os meninos.

No último dia de uma das atividades, G. demonstrou um desejo intenso de manipular todos os fantoches simultaneamente. Ele se alternava entre pegar um fantoche e trocar por outro, tentava tomar os fantoches que estavam com V., e frequentemente segurava dois fantoches ao mesmo tempo. Por outro lado, V. aguardava que os mediadores lhe oferecessem um fantoche ou que o orientassem a escolher um. Quando G. pegava o fantoche que estava com V., esse não se opunha, demonstrando flexibilidade. Nesse momento, coube a nós, mediadores, intervir para garantir que G. solicitasse o fantoche desejado e que V. recebesse um novo fantoche em troca, promovendo assim uma dinâmica de troca justa e colaborativa entre os dois. Os contágios teatrais estavam acontecendo gradualmente.

O teatro criou um ambiente social que facilitou o surgimento de formas únicas de interação entre os indivíduos. À medida que os participantes exploraram suas próprias corporeidades e utilizaram os bonecos, foi possível observar um desenvolvimento gradual nas interações. Com o tempo, V. passou a aceitar melhor a presença, o toque e a interferência de G., apesar de inicialmente apresentar crises de angústia quando G. se aproximava. Essa evolução nas interações contribuiu para a criação de dinâmicas mais colaborativas e construtivas entre os participantes.

O envolvimento no teatro contribuiu para mudanças nas dinâmicas sociorrelacionais e desafiou as hierarquizações estéticas até então consolidadas (Dainez; Smolka; Souza, 2022). O teatro proporcionou uma aproximação gradual e orgânica entre os alunos, facilitando a aceitação do toque, que antes causava desconforto, e aprimorando a atenção para as ações do outro. Desviamos-nos da abordagem tradicional de ensino, que prescreve uma aprendizagem passiva, na qual o aluno deve permanecer sentado, em silêncio, isolado e seguindo um processo ordenado, mesmo em um ambiente sobrecarregado com muitos pares (Laplane, 2018).

Embora G. e V. estivessem engajados em formas de interação não convencionais, estavam adquirindo competências relevantes na linguagem teatral, como aumento no repertório de reconhecimento de expressões faciais e corporais; identificação de emoções; escuta sensível; atenção plena às cenas teatrais; criatividade; capacidade de trabalhar colaborativamente com pares; habilidade de improvisar; leitura e interpretação textual; reconhecimento de papéis dos personagens; percepção espacial e temporal. O teatro permitiu o desenvolvimento do conceito de contágio teatral, onde as emoções e ações dos participantes influenciam e se refletem mutuamente. À medida que os alunos ampliaram suas interações e compreensão social, a teatralidade se estabeleceu como um meio eficaz para aprofundar suas conexões (Marin, 2024). Esse processo permitiu que elas se desenvolvessem e se integrassem de maneira mais significativa.

Durante as brincadeiras de faz de conta e improvisações com brinquedos, G. e V. começaram a reconhecer melhor a presença um do outro, apesar das dificuldades iniciais para interagir diretamente. Esses momentos ofereciam oportunidades para a prática da escuta e da observação mútua. Enquanto um dos dois realizava o improviso cênico, o outro observava, resultando em uma maior conexão e compreensão recíproca (Conrado; Santos; Paixão, 2022).

Atraí-los para a atividade de improvisação planejada foi um desafio. Com o auxílio da mediação, V. começou a compreender a necessidade de focar na cena. Com o tempo, observei que ele se mostrava bastante envolvido durante os encontros de improvisação. No entanto, a presença de G. frequentemente ainda perturbava V., exigindo uma mediação constante para que ele pudesse se concentrar na improvisação realizada por G. O jogo dramático exige uma interação entre participação ativa e observação cuidadosa (Mello Ribeiro, 2021). Por exemplo,

durante a improvisação da cena do concerto do carrinho, Erica e V. acompanhavam atentamente, enquanto a terapeuta e G. estavam envolvidos na atividade.

Com o tempo, os olhares dos alunos se tornavam progressivamente mais atentos ao colega, e essa clareza na percepção da presença um do outro se manifestava em seus gestos e corpos a cada encontro. Quando se colocavam na posição de espectadores, observávamos que G. lançava olhares furtivos para V. Apesar das dificuldades em manter o foco no amigo, V. conseguia, através da mediação, concentrar-se em seu parceiro. A percepção das expressões de seu colega permitia que ambos os meninos favorecessem uma interação enriquecedora. Assim, estavam estabelecendo as bases para relações cada vez mais expressivas.

A imprevisibilidade era uma constante nos encontros. G. demonstrava um impulso vigoroso para participar ativamente das atividades; assistir não era suficiente para ele. Em determinados momentos, os mediadores enfrentavam dificuldades para manter G. na função de espectador. Era necessário flexibilizar e permitir que ele se envolvesse no improviso. Os momentos em que G. se integrava ao jogo dramático adicionavam valor ao processo de interação entre os pequenos.

Vínculos sólidos entre os sujeitos foram essenciais para que as trocas intersubjetivas ocorressem efetivamente. À medida que os indivíduos se entrelaçavam por meio dessas trocas, mais intensas e significativas se tornavam as permutas intersubjetivas. Construir trocas que potencializam o desenvolvimento é um desafio, mas representa uma estratégia eficaz para promover a interação, a comunicação e a socialização entre pares. O teatro, como um espaço dedicado ao encontro, oferece um ambiente propício para o surgimento desses processos. Nele, é possível facilitar a relação entre múltiplos indivíduos, criando oportunidades para interações que enriquecem e ampliam a experiência de cada participante (Bianchi, 2021).

3 O espetáculo e seus rastros: o impacto do Contágio Teatral nas relações e desenvolvimento de alunos com autismo

Em conclusão, o bom-encontro proporcionado pela linguagem teatral possibilitou a interação entre dois meninos com autismo, reforçando vínculos e afecções potencializadoras. Os participantes permitiram-se ser afetados por esses contágios teatrais, promovendo um ambiente de troca e crescimento mútuo.

Além de desenvolver conceitos básicos do teatro, os meninos progrediram em aspectos como funções comunicativas, memória, atenção, troca de turno, funções pragmáticas da linguagem, habilidades sociais e interação. A criação de cenas e dramaturgias teatrais contribuiu significativamente para esse desenvolvimento, o que foi crucial para que esses aspectos se desenvolvessem progressivamente.

A inovação desta pesquisa reside na combinação de teatro, Comunicação Alternativa e Ampliada (CAA) e autismo para promover a interação entre indivíduos com características

diferenciadas. A prática teatral não apenas ampliou os horizontes culturais dos envolvidos, como também favoreceu uma educação estética mais completa. Por meio do teatro, que se revelou um espaço de relações humanas diretas e imersivas, emergiram novas formas de interação e comunicação por parte dos meninos. O estudo aponta para a necessidade de novas pesquisas que apresentem a experimentação de diferentes abordagens teatrais.

A CAA foi essencial para o processo de ensino-aprendizagem teatral, facilitando a assimilação das técnicas teatrais e das intenções comunicativas entre os alunos. Essa abordagem também desempenhou um papel crucial na compreensão e na elaboração das dramaturgias pictográficas. A mediação desempenhou um papel fundamental ao fortalecer as relações e aperfeiçoar as estratégias de ensino.

A abordagem de pesquisa-ação colaborativo-crítica foi essencial para ampliar a compreensão do campo e para refletir sobre as práticas implementadas, enriquecendo a experiência e promovendo uma percepção mais sensível em relação aos alunos com autismo, especialmente considerando a falta de experiência prévia do pesquisador com esses indivíduos. As improvisações e atividades de faz de conta, juntamente com a exploração de histórias por meio de livros e do uso do teatro de bonecos, criaram um ambiente que favoreceu o desenvolvimento das interações. Essas interações surgiram tanto como iniciativas dos próprios alunos quanto através da mediação do professor-artista-pesquisador e das profissionais que contribuíram com este estudo.

A investigação realizada evidenciou o teatro como um dispositivo crucial para que a interação entre alunos com autismo e sua inclusão no ambiente social fossem significativamente promovidas. O estudo respeitou os diferentes estágios de cada participante, que experimentou um desenvolvimento individualizado, evitando comparações e focando no progresso individual.

Referências

- ALENCAR, André de Paiva Cavalcanti; LEWINSOHN, Ana Caldas. Quem zomba de quem? Dos bufões de hoje às técnicas revisitadas. *Urdimento: Revista de Estudos em Artes Cênicas*, Florianópolis, v. 1, n. 46, p. 1-19, 27 abr. 2023. DOI: 10.5965/1414573101462023e0104. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/23245>. Acesso em: 29 jan. 2026.
- ARBEX, Daniela. *Holocausto brasileiro: vida, genocídio e 60 mil mortes no maior hospício do Brasil*. São Paulo: Geração Editorial, 2013.
- BARBIER, René. *A pesquisa-ação*. Tradução de Lucie Didio. Brasília: Liber Livro, 2002.
- BIANCALANA, Gisela Reis. Performance arte: multidisciplinariedade colaborativa como experiência sensível. *ARJ – Art Research Journal: Revista de Pesquisa em Artes*, Natal, v. 5, n. 1, p. 1-15, 2018. DOI: 10.36025/arj.v5i1.12510. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/artresearchjournal/article/view/12510>. Acesso em: 29 jan. 2026.
- BIANCHI, Paloma. Podemos existir de outra forma: o espetáculo “Protocolo Elefante” do Grupo Cena 11 como materialização de outro modo de existência. *ARJ – Art Research Journal: Revista de Pesquisa em Artes*, Natal, v. 8, n. 1, 2021. DOI: 10.36025/arj.v8i1.24669. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/artresearchjournal/article/view/24669>. Acesso em: 29 jan. 2026.

- CARR, Wilfred; KEMMIS, Stephen. *Teoría crítica de la enseñanza: la investigación-acción en la formación del profesorado*. Tradução de J. A. Bravo. Barcelona: Martinez Roca, 1988.
- CONRADO, Amélia Vitória de Souza; SANTOS, Laudemir Pereira dos; PAIXÃO, Maria de Lurdes Barros da. Danças e africanidades: desafios anticoloniais na pós-graduação em dança, caminhos desobedientes para epistemologias e estéticas insurgentes. *ARJ – Art Research Journal: Revista de Pesquisa em Artes*, Natal, v. 9, n. 2, 2022. DOI: 10.36025/arj.v9i2.28911. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/artresearchjournal/article/view/28911>. Acesso em: 29 jan. 2026.
- COSTA, Luiza Lins Araújo; DINIZ, Fernanda Cristina de Oliveira Ramalho; VIANA, Sanches Max Jesus. Psicodrama com crianças dentro do transtorno do espectro autista: uma experiência possível? *Revista Brasileira de Psicodrama*, v. 30, 2022. Recuperado de <https://revbraspsicodrama.org.br/rbp/article/view/583>. Acesso em: 29 jan. 2026.
- DAINEZ, Débora; SMOLKA, Ana Luiza Bustamante; SOUZA, Flavia Faissal de. A dimensão constitutiva do meio: implicações políticas e práticas em Educação Especial. *Educação & Sociedade*, v. 43, p. 1-17, 21 mar. 2022. DOI: 10.1590/ES.256418. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/LnMmbHnMMDGvksFyjG9Lfv/?lang=pt>. Acesso em: 29 jan. 2026.
- DELEUZE, Gilles. *Cursos sobre Spinoza (Vincennes, 1978-1981)*. 3. ed. Fortaleza: UECE, 2019.
- FERNANDES, Victória Mello. A construção do “inimputável perigoso” e o controle social através da medida de segurança. *Revista de Psicologia*, Fortaleza, v.15, e024012, jan./dez. 2024. DOI: 10.36517/revpsiufc.15.2024.e024012. Disponível em: <https://periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/92805>. Acesso em: 29 jan. 2026.
- FIAES, Carla S.; BICHARA, Ilka D. Brincadeiras de faz-de-conta em crianças autistas: limites e possibilidades numa perspectiva evolucionista. *Estudos de Psicologia*, Natal, v. 14, n. 3, p. 231-238, 2009.
- FILHO, Ronaldo Manzi. Hospital colônia de Barbacena: um passado que insiste em se repetir. *Revista Ideação*, v. 1, n. 39, p. 272-286, 29 set. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/index.php/revistaideacao/article/view/4579>. Acesso em: 29 jan. 2026.
- GIVIGI, Rosana Carla do Nascimento; CAMARGO, Erica Daiane Ferreira; SILVA, Giovana Santos da. A constituição da grupalidade com um grupo de crianças com autismo. *Revista Educação Especial em Debate*, v. 8, n. 15, p. 76-90, 23 jun. 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/reed/article/view/41573>. Acesso em: 29 jan. 2026.
- HERNANDEZ-PILOTO, Sumika Soares de Freitas; ALMEIDA, Mariangela de. Análise comunicativa via espaços discursivos em contextos Lusófonos. *Aracê*, v. 7, n. 7, p. 35814-35833, 2025. DOI: 10.56238/arev7n7-040. Disponível em: <https://periodicos.newsciencepubl.com/arace/article/view/6341>. Acesso em: 29 jan. 2026.
- JACONI, Kétlem Marçal Ferraz Rossi; FRANÇA, Bárbara Rebecca Baumgarten; ALMEIDA, Mariangela Lima. A pesquisa-ação colaborativo-crítica como metodologia. *Logeion: Filosofia da Informação*, Rio de Janeiro, v. 10, nov. 2023, p. 175-183, 2023. DOI: 10.21728/logeion.2023v10nosp2.175-183. Disponível em: <https://revista.ibict.br/fiinf/article/view/6833>. Acesso em: 29 jan. 2026.
- LAPLANE, Adriana Lia Frizman de. Confrontando a norma: modos de participação de crianças com Transtorno do Espectro do Autismo na escola. *Horizontes*, v. 36, n. 3, p. 111-120, 2018. DOI: 10.24933/horizontes.v36i3.709. Disponível em: <https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/709>. Acesso em: 29 jan. 2026.
- LEAL, Cristiano. Afecções e afetos em Spinoza. *Sapere Aude*, v. 13, n. 25, p. 359-369, 16 jul. 2022. DOI: 10.5752/P.2177-6342.2022v13n25p359-369. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/SapereAude/article/view/28027>. Acesso em: 29 jan. 2026.
- MARIN, Fwala-lo. La dimensión afectiva en la dirección teatral y sus efectos en la conformación de grupalidades. *ARJ – Art Research Journal: Revista de Pesquisa em Artes*, Natal, v. 11, n. 1, 2024. DOI: 10.36025/arj.v11i1.33803. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/artresearchjournal/article/view/33803>. Acesso em: 29 jan. 2026.
- MELLO RIBEIRO, Martha de. Refazer o corpo, esculpir afetos ou o que aprendemos com Antonin Artaud. *ARJ – Art Research Journal: Revista de Pesquisa em Artes*, Natal, v. 8, n. 1, 2021. DOI:

10.36025/arj.v8i1.21918. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/artresearchjournal/article/view/21918>. Acesso em: 29 jan. 2026.

NUNES, Débora Regina de Paula; BARBOSA, João Paulo da Silva; NUNES, Leila Regina de Paula. Comunicação alternativa para alunos com autismo na escola: uma revisão da literatura. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 27, p. e0212, 23 jul. 2021. DOI: 10.1590/1980-54702021v27e0212. Disponível em: <https://www.scielo.br/rbee/a/mVvFCNhq5yHD5kCm8Tf8BNn/?lang=pt>. Acesso em: 29 jan. 2026.

OLIVEIRA, Felipe Henrique Monteiro. O performer insurgente da cena: performances de um corpo diferenciado. *Sala Preta*, v. 19, n. 2, p. 197-209, dez. 2019. DOI: 10.11606/issn.2238-3867.v19i2p197-209. Disponível em: https://revistas.usp.br/salapreta/pt_BR/article/view/154288. Acesso em: 29 jan. 2026.

PELBART, Peter Pál. Elementos para uma cartografia da grupalidade. *Concinnitas*, v. 23, n. 44, p. 85-99, 2022. DOI: 10.12957/concinnitas.2022.67437. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/concinnitas/article/view/67437>. Acesso em: 29 jan. 2026.

PEREIRA, Erika Tamyres *et al.* Comunicação alternativa e aumentativa no transtorno do espectro do autismo: impactos na comunicação. *CoDAS*, v. 32, n. 6, e20190167, 13 nov. 2020. DOI: 10.1590/2317-1782/20202019167. Disponível em: <http://www.codas.periodikos.com.br/journal/codas/article/doi/10.1590/2317-1782/20202019167>. Acesso em: 29 jan. 2026.

PIMENTA, Selma Garrido. Pesquisa-ação crítico-colaborativa: construindo seu significado a partir de experiências com a formação docente. *Educação & Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 521-539, dez. 2005. DOI: 10.1590/S1517-97022005000300013. Disponível em: <https://revistas.usp.br/ep/article/view/27993>. Acesso em: 29 jan. 2026.

PINHEIRO, Lucas de Almeida. *Bob Wilson: por trás do olhar de um surdo e da voz-pensamento de um autista*. Londrina: Eduel, 2021.

PROZOROV, Sergei. Foucault and the birth of psychopolitics: towards a genealogy of crisis governance. *Security Dialogue*, v. 52, n. 5, p. 436-451, 1 out. 2021. DOI: 10.1177/0967010620968345. Disponível em: <https://academic.oup.com/sd/article/52/5/436/8369434>. Acesso em: 29 jan. 2026.

REIS, Alice Vignoli; ALVIM, Mônica Botelho. Pequenos exercícios experimentais da liberdade: articulações entre arte, clínica e política. *Revista Subjetividades*, v. 21, n. Esp1, 19 jun. 2021. DOI: 10.5020/23590777.rs.v21iEsp1.e9459. Disponível em: <https://ojs.unifor.br/rmes/article/view/e9459>. Acesso em: 29 jan. 2026.

ROMAGNOLLI, Luciana Eastwood; MUNIZ, Mariana de Lima. Teatro como acontecimento convival: uma entrevista com Jorge Dubatti. *Urdimento: Revista de Estudos em Artes Cênicas*, Florianópolis, v. 2, n. 23, p. 251-261, 26 jun. 2014. DOI: 10.5965/1414573102232014251. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573102232014251>. Acesso em: 29 jan. 2026.

SAMBAK, Debi; SENIWATI, Tuti; HARISA, Akbar. The storytelling and improvement of language and social skills in autism children. *Indonesian Contemporary Nursing Journal*, v. 6, n. 1, p. 1-11, 2021. DOI: 10.20956/icon.v6i1.11357. Disponível em: <https://journal.unhas.ac.id/index.php/icon/article/view/11357>. Acesso em: 29 jan. 2026.

SANTOS, Lucas Wendel Silva; CAMARGO, Erica Daiane Ferreira; GIVIGI, Rosana Carla do Nascimento. Educação teatral e o uso da comunicação alternativa: uma proposta para crianças com autismo. *Revista da Fundarte*, v. 55, n. 55, 27 jun. 2023. DOI: 10.19179/rdv.v55i55.1211. Disponível em: <https://seer.fundarte.rs.gov.br/RevistadaFundarte/article/view/1211>. Acesso em: 29 jan. 2026.

SILVA, Carolina Reis Theodoro da; PERUZZO, Pedro Pulzatto. A literatura como direito humano. *Anamorphosis: Revista Internacional de Direito e Literatura*, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 515-538, jul.-dez. 2019. DOI: 10.21119/anamps.52.515-538. Disponível em: <https://periodicos.rdl.org.br/anamps/article/view/514>. Acesso em: 29 jan. 2026.

TONEZZI, José. *A cena contaminada*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

VIGOTSKI, Liev Semiónovitch. *Formação social da mente*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.